

ENTÃO É ISSO...

SO THAT'S IT...

Luciana de Barros Ataíde¹

lu.c.aba@hotmail.com

Resumo: A relação entre o “Eu” e o “Outro” como uma forma de busca da completude é uma ação inerente à condição humana. Somos personagens de um mundo no qual a sensação de vazio é inevitável. Assim, vivemos entre o Ser e o Não-Ser. Se por um lado o aspecto do Ser é marcado pela busca, pela expectativa de encontro com o Outro; o Não-Ser se dá pela falta do autoconhecimento e do encontro. A falta, a ausência do outro e, por vezes, de nós mesmos, fazem com que reconheçamos nossa própria solidão, nosso próprio vazio, nosso próprio sofrimento. Esse fato confirma que a vontade é a força que comanda a vida humana e tudo o que se opõe a essa vontade é desagradável e dolorido. Somos seres constituídos de tal forma que tornamos a meta de felicidade inalcançável. Isso porque o princípio do prazer, que governa o psiquismo desde o início da vida, baseia-se na busca do prazer, mas também na evitação do sofrimento.

Palavras-chave: Condição humana. Vazio. Ausência. Vontade. Sofrimento.

Abstract: The relationship between the "I" and the "Other" as a form of search completeness is an action inherent to the human condition. Are characters in a world in which the sense of emptiness is unavoidable. So I live between Being and Non-Being. On the one hand the aspect of Being is marked by the search, the expected encounter with the Other; Non-Being is given by the lack of self-knowledge and the meeting. The lack, the absence of others and sometimes from ourselves, makes us recognize our own loneliness, our own emptiness, our own suffering. This fact confirms that the will is the force that drives human life and all that is opposed to that will is unpleasant and painful. We are beings so constituted that we become the unattainable goal of happiness. That's because the pleasure principle, which governs the psyche from the beginning of life, is based on the pursuit of pleasure, but also the avoidance of suffering.

Key words: Human condition. Empty. Absence. Will. Suffering.

Então, é isso...

Ela se perdeu nas sombras que a conduziram às águas negras e, ao abrir os olhos, não conseguiu encontrar a luz que sempre buscava. Seria, talvez, suficiente dizer que ela buscasse um pouco de si, mas o vilipêndio de todas as manhãs frias, orquestrado pela orgia de luzes que denunciava os íntimos da terra, vazando os dias, sem nada, sobrando o que é inaproveitável, golpeando a lentidão das horas... Foi o que lhe restou. Isso vai se partir, vai sair, vai ficar. Ficar o corpo vazio, seguindo à deriva nos fundos horizontes silenciados.

¹Mestra em Letras: Literaturas de Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Especialista em Revisão de Textos pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais e Licenciada em Letras pela Universidade Federal do Pará.

Daria o cérebro por uma certeza, por uma tranquilidade insone, mas nada acontece. Se algo dissolve em nome de um contato, o coração guarda o vazio das retinas quebradas. Isso é assim, esse marasmo é tão inerte que, em alguns momentos, é preciso nascer e também morrer, ainda que por apenas um corte. Esses foram os pensamentos tortuosos que se seguiram a dois ou três tragos; três. Foram também os que se seguiram àquele nó na garganta; foram também os que se seguiram ao pensamento da repetida voz: você não precisa...

Após os delírios noturnos é seguido o curso de todos os dias; a casa; o caminho certo; a certeza; a dúvida; a decisão. A cidade sempre acesa, porque o mundo é aceso. Vamos ao primeiro trago, pois o dia começa, a vida começa; a morte também, porque a passagem do tempo é nada mais que a chegada dela, forte e fatal. Foi talvez a noite de primavera que a fez chegar até aqui ou talvez a de outono, porque já sabia do frio abissal que estava por vir. Ela era outra pessoa, uma esperança de si mesma que à noite, maravilhada com o movimento da grama, ia perambulando com seus passinhos que pareciam ser ela por inteiro, pelas calçadas, pelos jardins, pelos campos. Não importa se todos os amores lhe foram cegos, intensos e findos, porque agora o silêncio e também os gemidos permitem que a voz lhe tome a consciência. Chegou até pensar que o mundo poderia ser maior. E o sonho poderia... os sonhos. Isso porque não conseguira compreender aquele esbarrar, aquela troca, aqueles pensamentos tortuosos de se terem. Letras para esse momento são inúteis, letras para o fato se farão inúteis. Após o banho, pela sensação primeira da morte, viu sua paixão pelos sentidos que se desconhecem com o pôr do sol. E sentiu o fogo consumir-lhe os dedos e os cabelos e nada mais importava. Os acontecimentos dos últimos dias foram deixando os passos mais firmes. E seguia queimando, ainda queima, e é só o respirar, o expirar, o transpirar. Seguia prendendo os dentes e apertando a cabeça, ouvindo a canção que se perdia no travesseiro, tremiam-lhe os dedos e já não era a mesma. Pensou que pudesse cantar aquela canção programada para esse momento, inventada para esse momento: *“Vem comigo, vem, já tenho quase tudo que me basta; a flor no pasto; a mesa posta ... minha música e teu calor; os dias estão de fato mais claros...”*

Vamos ao segundo trago, porque ainda que felinas, ainda que ardentes, os sonhos nunca abandonarão as meninas. Nenhuma delas. Agora já sentia o agreste outono, ele ainda não chegara, mas ela já o sentia. Sentia pelas frases que não se completavam, pelos dias que não se completavam. Sentia o trabalho, via as relações entulhadas pelos cantos, calava a boca confusa. Pensava. Chegou a atingir o nimbo da alma, mas desfez-se. Tornou-se um não mais. E para fugir do sentimento outonal, divertia-se, historiava-se, sentia-se diferente, escrevia-se pelos muros, estava em todos os cantos. Ri da tristeza. Precisava de alguém que lhe assistisse

à vida com os olhos tão ferventes quanto os dela. Alguém que a visse de dentro, por dentro, para compreender quão importante as pequenas ações ao que está por fora. Queria todo olhar, vivia a expectativa de todas as relações estabelecidas pelo outro, com o outro. Chegou a olhar pelo outro e imaginar como era vista. Viu as personas que se criam, viu as máscaras que se trocam com o tempo. E ela parecia amargurada.

Vamos ao terceiro trago, porque o tempo é curto. Viveu a despedida do outono; ela temia, mas ele chegou. Seguiram-se a essa chegada algumas centenas dela mesma que iam guiando no escuro a alma pelo corpo afora. Pensou que talvez, em algum lugar, pudesse haver, também, uma pessoa embaixo de uma mangueira brincando de ser pó. Mas talvez não houvesse outro alguém, porque é difícil sobreviver às manhãs em meio a todo esse cimento, a todo esse calor, a toda essa programação, aos anúncios imbecis, às pessoas que correm... Foi de maneira rápida, não se sabe como, mas se viu com as lágrimas que bebia, com o apertar do peito, com o frio da garganta... e o nó. Pensou que se escrevesse agora seria a purgação: começou a transbordar-se, derramar-se em páginas e mais páginas ferozes e sem propósito, e daí a ideia do medo de se sentir vazia. Talvez a inconstância fatídica que sobreveio ao outono fosse de si, de seus olhos nocivos e inseguros, de sua busca incessante, de seu desconforto de existir. E quem não padece das dores que escolhe? Até forjou, acreditou, insistiu que era feliz. Feliz? Para livrar-se daquele sentimento não adiantaria criar tantos detalhes de si mesma; não adiantariam tantos gostos e desgostos para se sentir diferente. Ali, onde estava, como estava, se fosse abraçada, choraria como quem enterra um filho. Em silêncio, em total silêncio, pensou que as noites de inverno talvez tivessem uma beleza surreal e, por isso, não precisaria descer ao reino de Hades para se livrar do outono. Então pensou: "...cigarros me trazem mais câncer do que calma, os amores me trazem mais câncer do que calma..." – pena Manuel Bandeira não estar aqui para um chá, já que também não danço. De todo o incêndio, restavam as cinzas; talvez das cinzas surgissem desenhos com os dedos, como na infância. Prendeu o choro, tentou entoar aquela canção, mas fechou os olhos, dormiram-se as lembranças. Você não precisa...

Chegou o inverno!

Referências

BANDEIRA, Manoel. Não sei dançar. In: **Poesia completa e prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1993.

FREUD, Sigmund. (1891). **A Interpretação das afasias**. Trad. Antônio Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 1979.

NASIO, Juan-David. **O prazer de ler Freud**. Trad. Lucy Magalhães. Revisão técnica Marco Antônio Coutinho Jorge. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

SCHOPENHAUER, Arthur. **Da morte, metafísica do amor, sofrimento do mundo**. São Paulo: Martin Claret, 2000.